

Fonseca, Branquinho da (1905–1974): ***Os Olhos de Cada Um*** (incluído no volume *Caminhos Magnéticos*, 1938)

Branquinho da Fonseca, o representante do presencismo, insere nas suas narrativas várias alusões à situação colonial de Portugal. Para além de se referir às estruturas míticas da viagem aventureira (e iniciática) para África (no conto “Os Olhos de Cada Um”, de sabor tradicional, folclórico), põe em contraste o desejo de uma aventura idealizada e a desilusão baseada na experiência (“Rio Turvo”).

- Não há ninguém igual. Cada um tem os seus olhos e quando se vê uma coisa cada qual a vê conforme o tamanho e a cor dos seus olhos ... Tu sabes lá!... Nem eu ... E a vida também nunca é igual, porque as horas vêm umas atrás das outras. E a terra dá uma volta completa todos os dias.

- Pois dá ...

- Desculpa ... Já estava a desviar-me. Não era isto que eu queria dizer-te. Queria só contar-te um conto ...

... Ouve : Um dia saiu duma aldeia da Beira Alta um rapaz com tanta certeza no futuro que se meteu num paquete e foi para a África. A África é uma terra desconhecida, com florestas sem fim, cheias de leões, tigres, elefantes e milhões e milhões de outros animais mais pequenos: macacos, aves de cores encarnadas e amarelas; e tudo por baixo e por cima das árvores das florestas, como se fosse maravilhoso. Debaixo da terra há minas de ouro, de diamantes, de esmeraldas ... A África, por dentro, é feita de pedras preciosas. Quando se faz um buraco, a certa hora e com certa inclinação, vê-se que por baixo é branca e cintilante e por cima os homens são pretos. Ora esse rapaz, que partiu com tanta certeza e tanta força e que se chamava Rodrigo, *sabia tudo* por uma carta que lhe tinha deixado um tio padre que fora expulso da Igreja, porque acreditava na pedra filosofal e na igualdade de poderes de Deus e do Diabo. Esse velho vivia sempre fechado num quarto, em trabalhos misteriosos, e tinha muitos livros, alguns dos quais eram tão grandes e tão velhos que, quando ele os abria, saíam de dentro deles cobras e pássaros a voar, muito bonitos, vermelhos, azuis e amarelos ...

(FONSECA, Branquinho da. *Obras Completas I*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 405–406)